

20 05

A MENINA E O VENTO

1 Prólogo e 9 Cenas

Esta peça foi levada pela primeira vez pelo TABLADO em 1963 com cenários e figurinos de Marie Louise Nery; assistente técnico, Dirceu Nery; assistente de direção, Donato Donatti; contra-regra, Luiz Carlos Valdez; sonoplastia, Sergio Cathiard, com a seguinte distribuição: *Vento*, Henrique Mujica; *Maria*, Lúcia Marina Accioli; *Pedro*, Flávio de São Thiago; *tia Adelaide*, Jaqueline Laurence; *tia Adalgisa*, Yolanda Costa; *tia Aurélia*, Neuza Navarro; *a mãe*, Maria José Araújo; *o avó*, Moema de Brito; *o repórter*, Olney Barrocas; *o comissário Plácido*, Hélio Ary; *Pacífico*, Paulo Nolasco; *Crispim*, Sérgio Miceli. Direção geral, Maria Clara Machado. Rio de Janeiro, 1963.

PERSONAGENS:

O VENTO
MARIA, a menina
PEDRO, o menino
A MÃE
AS TIAS:

ADELAIDE,
ADALGISA e
AURELIA

A AVÓ
O REPÓRTER
O COMISSÁRIO PLACIDO
OS 2 POLICIAIS:

PACIFICO e
CRISPIM ou
BRANCA DE
NEVE (se o ator
for negro)

CENÁRIO:

A cova do vento. Um pedaço de praia deserta com enorme tronco ao fundo de onde caem pedaços de galhos e parasitas, feitos com material leve para que possam sugerir o efeito do vento. No chão algumas pedras roliças. Uma delas é o travesseiro do vento. O ambiente deve sugerir mistério e poesia. Vários ventiladores são instalados para movimentar os parasitas que se moverão ao mesmo tempo que se ouve o barulho do vento gravado e irradiado de um alto-falante.

PRÓLOGO

O Prólogo se passa no proscênio com a cortina fechada. Ouve-se insistentemente uma escala de piano tocada ao longe. Fugindo, esbaforidos, entram Maria e Pedro. Cessa a escala.

MARIA: Corre, Pedro, que lá vêm elas!

PEDRO: Santo Deus, ela não nos deixa em paz!

MARIA E PEDRO juntos: Aula no Domingo também é o cúmulo.

PEDRO: Tia Adelaide é o fim.

VOZ DE TIA ADELAIDE: Pedro! Maria!

MARIA: Depressa! (*Saem correndo*)

Entram também esbaforidas da corrida as três tias. Tia Adelaide é a mais velha e também a mais mandona. Tia Adalgisa é a do meio. Cópia viva de tia Adelaide. Tia Aurélia é a menos velha, meio biruta, meio infantil, obedece sempre tia Adelaide por hábito e medo. Passam as tias (ouve-se de novo a escala no piano) e tornam a voltar os meninos.

MARIA: Pedro, vamos nos esconder na cova do vento?

PEDRO: Boa idéia. Vamos!

Saem. Voltam as tias.

ADELAIDE (*Gritando*): Meninos, voltem já para a aula!

ADALGISA: Eu disse à mãe deles para não deixá-los brincar na rua.

AURÉLIA: Maria! Pedro!... Voltem já... já... já... Adelaide está chamando!...

ADELAIDE: Lugar de criança é dentro de casa.

ADALGISA: A culpa é da mãe deles que é muito mole...

AURÉLIA: No nosso tempo, quando...

ADELAIDE (*Interrompendo-a*): Já sei, Aurélia, que nosso tempo era diferente, mas nossa obrigação de tias é educá-los.

AURÉLIA: A aula de hoje é tão boa! Adoro educação cívica!

ADALGISA: As aulas de Adelaide são excelentes! Ela é a melhor professora de educação cívica da cidade!

AURÉLIA: E do Brasil!

ADELAIDE (*Saindo, orgulhosa com os elogios*): Meninos, voltem para a aula!

ADALGISA (*Acompanhando-a*): É preciso aprender a amar o Brasil, meninos!

AURÉLIA (*Saindo também*): Pedro! Maria!
(*Muito assustada volta Adalgisa*)

ADALGISA: Por ali é o caminho da cova do vento!

ADELAIDE (*Voltando também assustada*): ...não é lugar para moças sozinhas...

AURÉLIA (*Aparecendo alvoroçada*): Cova do vento... mãe sempre disse que lá é muito deserto, e feio... e cheio de vento...

ADELAIDE: Vamos voltar. É muito perigoso o risco.

ADALGISA: É muito perigoso o risco.

AURÉLIA: E os meninos?

ADELAIDE — Quando chegarem em casa ficarão de castigo. Terão que escrever duzentas vezes: Viva o nosso Brasil amado! (*Sai*)

AURÉLIA: Vivooooo! (*Sai*)

ADALGISA: Muito boa idéia, Adelaide, muito boa idéia! (*Sai*)

CENA I

(*Ao abrir o pano a cena deve estar na penumbra; ao fundo, deitado no chão, com a cabeça numa das pedras, dorme o Vento. É um personagem meio mitológico, como se vê em figuras de mapas de navegação antiga. O ator que representar o Vento deve ser bem alto para aumentar o contraste com a menina, mas não deve ser uma figura feia para não meter medo nas crianças. Pode usar uma máscara. Pedro e Maria chegam correndo. Depois de verificarem que não estão sendo perseguidos, observam o lugar.*)

MARIA: Iiiii! Aqui hoje está muito esquisito.

PEDRO: Mas aqui tenho a certeza que elas não vêm.

MARIA: Tia Adalgisa tem tanto medo...

PEDRO: Você não acha que isto aqui está calmo demais?

MARIA (*Descobrendo o Vento*): Veja, Pedro, o Vento, dormindo. Será que ele está doente? (*Olhando para cima*) Caiu, será?

PEDRO: Lugar de vento ficar é lá em cima. O que é que ele veio fazer aqui na praia?

MARIA: Alguma indigestão de ar. (*Rindo*) Que feio que ele é!

PEDRO: É velho e barrigudo.

MARIA: Que pena! Sempre pensei que o vento fosse lindo!

PEDRO: Por que, ora!

MARIA: Porque tudo que voa é bonito.

PEDRO: Urubu também?

MARIA: Voando é. Até urubu voando é bonito. Menos mosquito, é claro.

PEDRO: Ele está acordando.

MARIA: Vamos nos esconder. (*Os dois se escondem atrás da cortina, no proscênio.*)

MARIA: Quero só ver a cara que ele tem acordado.

(O Vento se mexe e fica sentado com as pernas estiradas. Depois continua a dormir sentado, roncando muito alto.)

PEDRO (Procurando falar baixo): Ronca igualzinho ao vovô Jaime.

MARIA (Começando a rir sem controle): Vovô Jaime... é isto mesmo... o vento se parece com vovô Jaime.

(Os dois continuam a rir até que acordam o Vento, que abre os olhos espantado.)

VENTO: Psiuuuuu! (Bôceja, os meninos se calam, ele continua a dormir.)

MARIA (Sempre tentando falar baixo): Está acordando... Parece mesmo o vovô Jaime quando dorme na poltrona...

(O Vento abre os olhos espantado e começa a se levantar, procurando ver de onde vem o barulho.)

PEDRO (Puxando Maria para se esconder): Ele viu!

VENTO (Descobrendo os meninos): Deixem-me dormir, criaturas desagradáveis.

PEDRO: Quem é criatura desagradável?

MARIA: Acho que somos nós.

PEDRO (Brincalhão, levantando a voz): Os incomodados que se mudem.

VENTO (Furioso): O quê?!

PEDRO (Provocador): Disse: os incomodados que se mudem.

VENTO: Olhe aqui, pirralho, ou vocês me deixam dormir em paz ou...

PEDRO: Ou o quê? Aqui por acaso é propriedade sua?

MARIA: Pedro, não provoca.

PEDRO: A praia é pública, a rua é pública, o espaço é público, a atmosfera é pública...

MARIA: A estratosfera é pública...

PEDRO (Já dentro de cena sem o menor receio do vento): E

nós fazemos barulho onde queremos... e o vento também é público, está ouvindo?

VENTO (Com as mãos na cintura, ameaçador): Menine, ninguém levanta a voz com o vento.

MARIA: E o trovão?

VENTO: O trovão?

MARIA: Não é o Padre Eterno levantando a voz para você, vento?

VENTO: Para mim, coisa nenhuma...

MARIA: Para quem, então?

VENTO: Para vocês, é claro!

MARIA: Bem que eu achei que a explicação de tia Adelaide sobre o trovão não era boa. Sabia que era o Padre Eterno. Tia Adelaide tira a graça de tudo, coitada!

VENTO: Já disse que ninguém levanta a voz com o vento!

MARIA: Quem é que está levantando a voz para você? Estou só falando de minha tia Adelaide, e meu irmão é meio mal-humorado. Mas o senhor também não fica atrás... ele estava só brincando. Com este mau humor, já vejo o porquê das tempestades... Aliás isto também tia Adelaide não explicou bem. As tempestades são causadas pelo mau humor de vento e de sua família... brigas entre nuvens, brisas, ventos, vapores, raios e trovões... se...

VENTO (Interrompendo): Pare de falar, matraca de feira, ou então... eu... eu...

PEDRO (Furioso): Minha irmã, matraca de feira?

VENTO: Vocês querem, não é? (Dá uma lufada de sopra sobre os meninos, que caem no chão. A sonoplastia e um dos ventiladores acompanham sempre as lufadas do vento.)

PEDRO: Vento covarde! Vento covarde!

MARIA: Não provoca, Pedro... Não provoca!

VENTO: Tratem de desaparecer, meninos, senão eu sopra! E é para valer... Um... Dois...

PEDRO: Vento caduca...

MARIA: Não provoca mais ele, Pedro.

VENTO: Caduca, eu? Pois você vai ver... vou te mandar para as nuvens e lá você é que vai caducar, fedelho de uma figa. *(Começa a soprar com tanta força que Pedro, depois de dar umas voltas tentando resistir, sai de cena sempre gritando.)*

PEDRO: Vento covarde... vento covarde...

MARIA: Pára de ventar, Vento, que Pedro está sumindo atrás daquela árvore. Pára vento... Pedro! Pedro! *(Sai gritando e procurando resistir.)*

VENTO: Pronto. É assim que nós lá de cima nos livramos deles. Sem muita conversa. *(Boceja ostensivamente e torna a sua cama, mas não consegue se deitar porque, furiosa, volta Maria.)*

MARIA: Queira soprar de volta, imediatamente, e meu irmão ou então o senhor terá que se ver comigo.

VENTO: O quê? Está me desafiando, pedacinho de coisa nenhuma? Quer também ser soprada para longe? *(Começa a rir.)* Isto aí me ameaçando... ah! ah! ah! ah!

MARIA: Pára de rir, vento bobo-alegre. Não tem vergonha de ser tão velho e rir desse jeito? Traga meu irmão de volta, já disse.

VENTO *(Pára bruscamente de rir)*: Vou te mandar para a China, menina.

MARIA: Duvido. *(Aceitando o desafio.)* E fique sabendo que sou campeã de andar na ventania e não vai ser um ventinho qualquer que vai me levar para a China ou para o Japão. Bem que eu gostaria de dar um passeio... se eu...

VENTO *(Interrompendo)*: Você disse... ventinho qualquer?

MARIA: Disse. O que é que você sabe fazer mais além de ventar? Sabe ler? Sabe escrever? Qual é a sua educação cívica?

VENTO: Chega. *(Dá uma forte lufada. Maria, microta, se*

esconde atrás d'ele que procura, intrigado, sem poder encontrá-la. Finalmente, Maria corre e se esconde atrás de uma pedra.)

MARIA: Brisa, vento, ventinho
pode soprar espertinho...
Não tenho medo de ventania.
Só receio a minha tia,
brisa, vento, ventinho,
pode soprar espertinho...

(O Vento furioso começa a soprar e Maria deliciada ventarola pela cena em loucos rodopios até que sai, sempre rindo. O Vento, sentindo-se vencedor, volta para sua pedra e recosta para tornar a dormir. Começa a roncar quando Maria volta. Vendo que o Vento não acorda ela começa a sapatear e a cantarolar. O Vento continua roncando. Por fim Maria resolve jogar amarelinha batendo com os pés com força. O Vento abre os olhos.)

MARIA: Isto o senhor não sabe fazer... garanto que não sabe...

VENTO: O quê? Ainda aqui?

MARIA: Vou lhe chatear até você trazer Pedro de volta.

VENTO: Não trago nada de volta.

MARIA: Quer dizer que o senhor *não sabe* trazer ele de volta?

VENTO: Quer dizer que *não quero* trazer ninguém de volta.

MARIA *(Mudando de tática)*: E se eu prometer nunca mais incomodá-lo na sua toca?

VENTO: Não acredito em promessa de menina.

MARIA: Então em que você acredita?

VENTO: Acredito na minha força.

MARIA: Prosinha, hem? Tão forte que nem conseguiu me soprar para longe... Acho que você está ficando sem fôlego, velho e cansado, hem, vento?

VENTO *(Meio desconfiado)*: Você acha?

MARIA: A verdade é que o senhor com seus mil e quinhentos séculos de vida não conseguiu derrubar uma menina de 12 anos.

VENTO: Isto nunca aconteceu. Quem é você, menina?

MARIA: Sou Maria.

VENTO: Nunca fui vencido por... por... ninguém... e logo por uma menina (*O Vento está desolado*).

MARIA: Não fique assim, vento. É que sou campeã na rua. Ninguém me vence na minha rua na corrida de ventania.

VENTO: Como é que faz para vencer? Nem navios, nem árvores, nem cidades, nem nada nesta terra redonda de Deus pode comigo quando estou furioso.

MARIA: É só não ter medo e conhecer sua tática.

VENTO: E você conhece minha tática, menina?

MARIA: Conheço.

VENTO: E como é que você descobriu?

MARIA: Praticando. Comecei com uma brisa... uma brisinha à-toa.

VENTO: Minha filha. Ela é bem fraquinha, a colita lá.

MARIA: Eu sei. Depois passei para um vento mais forte.

VENTO: Eu.

MARIA: Vento de praia, vento de Cabo Frio. Lá é melhor ventarolar de óculos por causa da areia. Mas também é melhor porque é salgado demais. A gente lava o braço, depois fica tudo salgadinho. Quando o vento, o senhor, pára de ventar, a gente continua com o barulho no ouvido até dormir.

VENTO (*Comovido*): É, é?

MARIA: Bem, na ventania custei mais, porque a ventania não tem muita direção e tapeia a gente também.

VENTO: Minha mãe. Sempre foi meio nervosa.

MARIA: É. Mas venço ela também. Aprendi a ventarolar.

VENTO: Ventarolar? O que é isto?

MARIA: Muito fácil. Virar ventarola de vento. Você já conseguiu derrubar uma ventarola?

VENTO: Papa-vento?

MARIA: Isso mesmo.

VENTO: Bem, acho que não. Mais fácil é derrubar um vendedor de papa-ventos.

MARIA: Pois é, viro mesmo um papa-vento, fico tão levezinha no corpo e rodopio e não me canso e a ventania desiste de mim. Quase que posso voar.

VENTO: Você gostaria?

MARIA: De voar? Ah! gostaria. Sabe? Um dia tia Aurélia me disse que se a gente esfregasse asa de passarinho nas costas todos os dias cresciam umas asas e a gente voava.

VENTO: E você esfregou?

MARIA: Ela esfregava na minha e eu na dela. Combinamos de voar juntas. Depois começou a dar brotoeja nas minhas costas e tia Adelaide descobriu tudo e botou tia Aurélia e eu de castigo escrevendo duzentas vezes: "Só quem voa é passarinho, criança estuda para servir ao Brasil."

VENTO: Essa sua tia é de morte, hem?

MARIA: Ela só pensa no Brasil, nunca pensa na gente.

VENTO: Você gostaria de passear na minha cacunda?

MARIA: Na cacunda do vento? Oh! Seria bárbaro! Mas o senhor tem que primeiro trazer o Pedrinho.

VENTO: Pedrinho, não.

MARIA: Então nada feito.

VENTO (*Conciliador*): Deixa o Pedrinho pra lá, que eu já venci ele para casa.

MARIA: Jura?

VENTO: Palavra de vento. Juro pelos raios que me partam... que ele voltará para casa.

MARIA: Não gosto nada de juramento de vento mas... você pode mesmo ventar o que quiser? Trazer coisas de outras terras, atrapalhar tudo?

VENTO: Posso tudo.

MARIA: Lá vem a prosa. Daqui a pouco você vai dizer que é Deus, e ele te castiga.

VENTO: Psiu... fala mais baixo...

MARIA: E você pensa que o enorme ouvido dele não está por toda parte? Por aqui?! Bem se vê que não estudou catecismo.

VENTO: Eu sei que ele está me ouvindo, mas ele sabe também que estou brincando, não sabe?

MARIA: É sempre melhor o senhor ser mais modesto.

VENTO: E você é? Campeã de corrida contra o vento!

MARIA: Mas não é só isto que sei fazer, e não fico espalhando por aí... sei tanta coisa...

VENTO: Sabe o que mais além de papaventar?

MARIA: Ora, vê-se que o senhor é ignorante; sei fazer uma porção de coisas; sei fazer tricô, sei fazer arroz, batata frita, sei tratar de galinhas, sei plantar feijão; ora vento, sei tudo isto que uma menina deve saber e sei também dançar, patinar, nadar, ventarolar; coisas boas para contrabalançar as chatas.

VENTO: Chatas?

MARIA: ... fazer cama, estudar aritmética, acabar as férias, ir ao dentista, ouvir aula de tia Adelaide e ser obrigada a amar o Brasil!...

VENTO: Você quer aprender a amar o Brasil na minha cacunda?

MARIA: Mas tia Adelaide vem também?

VENTO: Não. Eu te mostro tudo que há de bonito por aí e você aprende tudo sem tias e sem livro. Só olhando...

MARIA: Que bom! Mas vento, gostaria também de fazer umas desordens por aí.

VENTO: Desordens?

MARIA (Maliciosa): Desmanchar umas paradas, ventar tia Adelaide do piano. Desarrumar tudo que é arrumadinho. Só para ver a cara de todo mundo. (Começa a rir) Le-

vantar a saia de tia Adelaide seria bárbaro! Ela usa umas ceroulas tão engraçadas!...

VENTO: Pensei que você fosse um menina boa.

MARIA: Olha só quem está falando! O senhor não é o maior desordeiro de todos os céus? Não derruba navios e tira as telhas das casas? Não levou o chapéu de vovô Jaime e nunca mais o devolveu?

VENTO: Mas eu sou vento e você é gente. Cada um no seu lugar.

MARIA: Ah! Vento, não precisa se desculpar muito, eu te compreendo tão bem. Mundo certinho é tão chato! Vamos desmanchar um pouco, tá bem? Vamos ventarolar o mundo!...

VENTO (Rindo): Está bem. Você quer fazer umas ruindadezinhas. Vamos, e não reclame depois as conseqüências, hem?

(A menina monta na cacunda do Vento que começa a soprar. Dão uma volta pela cena sempre rindo e desaparecem, ouvindo-se ainda por algum tempo a gargalhada e o barulho do vento. Depois volta à cena um silêncio completo até a cena II.)

CENA II

(Entram Pedrinho, a mãe, tia Adelaide, tia Adalgisa e tia Aurélia; todas assustadas.)

PEDRO: Foi aqui, no meio da ventania.

TIA ADELAIDE (Baixinho): A cova do vento.

TIA ADALGISA: A cova do vento!... (se junta a tia Adelaide).

MÃE: E depois, Pedrinho, o que aconteceu? (Tia Aurélia sai de cena, descobrindo, curiosa, a cova.)

TIA ADELAIDE: Coisa boa é que não foi. Volta aqui, Auré-
lia, quer também ser raptada?
ADELAIDE: Raptada?
AURÉLIA (*Voltando assustada, mas dando risadinhas*):
Deus me livre e guarde, Adelaide!
MÃE: Ela não pode ter desaparecido assim de qualquer
maneira.
PEDRO: Não foi de qualquer maneira, mamãe. Ela come-
çou a ventarolar como sempre faz. Eu é que fui soprado.
Meu controle ainda é ruim. E depois...
TODAS: E depois...
PEDRO: Depois chamei o vento de covarde e foi a conta.
(*Aurélia dá risinhos compreensivos.*) Ele se irritou e
me soprou até aquela árvore ali. Fiquei preso lá um
tempão e vi tudo. Eles conversaram muito e riram
também.
ADELAIDE: Eles quem?
PEDRO: Maria e o vento.
ADELAIDE: Conversaram como?
PEDRO: Conversando, ora. Conversa vem, conversa vai, ela
montou na cacunda dêle e lá se foram...
ADALGISA: Que conversa é essa de vento conversar? Você
sabe, Pedro, que mentir é muito feio...
AURÉLIA (*Dando risinhos*): Eu bem que gostaria de ter
umas conversinhas com o vento...
ADELAIDE: Quieta, Aurélio, senão te ponho no piano...
ADALGISA: Vocês não acham que já ouvimos demais este
menino?
MÃE: Pedro, meu filho, conta tudo direitinho, sem inventar
nada, que depois você ganha um presente.
PEDRO: Estou contando certinho como eu vi.
MÃE: E onde é que você acha que eles estão agora?
PEDRO: Bem, agora? (*Calculando*) Se pediram ajuda da
ventania, que é a mãe dele...
MÃE: Mãe de quem?

PEDRO: Do vento. (*Todas se entreolham*) Se pediram aju-
da a ela já devem estar perto do Ceará. Ele deve ter
metido um sudoeste bravo. Pode ser também que tenham
ficado para fazerem as tais desordens que Maria pe-
dia...
MÃE (*Achando que o filho não está bem da cabeça*): Toma,
meu filho. (*Dá-lhe dinheiro.*) Vai tomar um sorvete bem
grande (*Pedrinho sai*).
ADELAIDE (*Entre os dentes*): Antipedagógico!
MÃE: Estou ficando aflita!
ADELAIDE: Pudera!
MÃE: Faz mais de seis horas que a menina sumiu. E foi
daqui... Pedro não diz coisa com coisa.
ADELAIDE: Acho que ele ficou meio atrapalhado da cabeça...
ADALGISA: Teria ela sido raptada?
ADELAIDE: Mas é óbvio!...
MÃE (*Quase chorando*): Vou avisar a polícia. Não agüento
mais. Fiquem aqui um pouco. Quem sabe ela aparece?
ADALGISA: Ficar aqui sozinhas? E se ele aparecer?
MÃE: Ele quem?
ADELAIDE: O raptor!
AURÉLIA: O vento, Adelaide?
ADELAIDE: Soçsega, Aurélio. Mande um guarda ao menos.
Isto aqui não é e nunca foi lugar para mocinhas...
ADALGISA: Não é e nunca foi lugar para mocinhas...
MÃE: Vou depressa chamar o comissário Plácido. (*Sai*)
ADELAIDE: Eu disse... eu avisei... eu disse que não se
deve deixar meninos soltos por aí. (*As duas passeiam
aflitas pela cena, enquanto Aurélio alvoroçada observa
tudo.*)
ADALGISA: Lugar de menino é na saia da mãe.
AURÉLIA: Quando eu era mais menina, gostava de costurar,
de bordar... ah, gostava também de fazer comidinha de
folha, lembra Adalgisa? A gente misturava tudo numa
latinha: folhas de ficus, folha de mamão, folha de...

aquela que era veneno... Agora, é verdade que eu também gostava (*Fala baixinho com medo das irmãs*) de andar na chuva e de...

ADELAIDE: Agora não é hora de lembrar essas coisas, Aurélia.

ADALGISA: Se fosse minha filha, vivia trancada a sete chaves.

ADELAIDE: Era muito sapeca aquela Maria.

AURÉLIA: Gostava de brincar, a diabinha!

ADELAIDE: Eu bem que dizia...

AURÉLIA: Você bem que dizia.

ADELAIDE: Mas a mãe não fazia o que eu dizia...

ADALGISA: Não fazia o que você dizia...

AURÉLIA (*Como se repetisse uma lição*): Eu dizia... tu dizias, ele dizia...

ADELAIDE: Bem feito agora.

AURÉLIA: Mamãe sempre disse que quem faz mal feito não tem direito...

AS TRÊS: ...de se queixar.

AURÉLIA (*Depois de uma pausa*): Adelaide, vento tem cuncta?!

ADELAIDE: Eu te prendo no quarto, Aurélia!

(Começa a soprar de repente um vento e as três começam a rodopiar, Aurélia aprecia o rodopio como uma criança.)

ADELAIDE: Santo Deus, Santa Bárbara e São Jerônimo nos acudam!

AURÉLIA: Adelaide... Adelaide... me segura... me segura... que gostoso... que gostoso!

ADALGISA: Socorro! Não me empurrem... Adelaide... Adelaide, socorro!...

(As três desaparecem de cena sempre gritando e tornam a aparecer dependuradas nas árvores. São bon-

cas. Da platéia só devem ser vistas as pernas das tias com calças antigas bordadas nas beiras; vindo de cima as vozes pedindo por socorro. Chega uma velhinha mais velha do que elas. É a avó dos meninos e mãe das tias.)

Vovó: Adelaide! Adalgisa! Aurélia! Voltem para casa, meninas... Onde se meteram essas meninas... Se o Jaime sabe disso...

TIAS: Socorro! Socorro! (*A velhinha finalmente olha para cima e dá com as filhas dependuradas nas árvores; a velha é meio surda.*)

Vovó: Meninas, desçam já daí. Já... Já...

ADELAIDE: Estamos presas, mamãe.

Vovó: Quem mandou vocês subirem em árvore? No meu tempo árvore era feita para enfeite da natureza... e também para dar frutos... Desçam já daí. Já proibi várias vezes.

ADALGISA: Estamos presas, mamãe.

Vovó: Comendo fruta verde de novo, hem Adalgisa!? Desça já.

ADELAIDE: Chame o corpo de bombeiros, mamãe...

Vovó: Desça já daí, Aurélia, ou chamo teu pai.

AURÉLIA: Me empurraram, mamãe, me empurraram...

ADELAIDE: Os bombeiros, mamãe!

Vovó: Até você, Adelaide... e abaixe já esta saia. Que modos são esses de mostrar as calças desta maneira...

(Começa a soprar um ventinho leve que delicadamente empurra a velhinha.)

Vovó: Não empurra, Jaime... não empurra... já disse que não vou para casa... não quero entrar... já disse... (*E vai saindo*) Não empurra Jaime... não empurra...

CENA III

(Silêncio na cena. Entra o repórter segurando um microfone com um fio enorme. Olha para todos os lados, verifica que a praia está vazia.)

REPÓRTER: Que furo! Sou o primeiro! Alô, alô, Rádio da Praia, estamos transmitindo diretamente do local do rapto da indigitosa Maria de Almeida. Para os ouvintes dos Estados, tenho a informar que se trata de uma praia deserta e mal encarada, os pescadores a chamam de Cova do Ventô. Pois é uma cova, caros ouvintes, a cova da jovem Maria tragicamente desaparecida nas primeiras horas da manhã. Nossas emissoras — numa gentileza dos Perfumes Ventania, a brisa que refresca — estão dando em primeira mão a reportagem completa sobre o desaparecimento trágico da jovem Maria, aluna exemplar...

ADELAIDE: Isto é que ela não era...

REPÓRTER *(Procurando ver de onde vem a voz)*: Como ia dizendo, caros ouvintes, a Brisa que refresca é um perfume Ventania, e a jovem Maria...

ADALGISA *(Voz débil)*: Socorro! Socorro!

REPÓRTER *(Descobrendo as tias)*: Caros ouvintes, a situação aqui na cova do vento se agrava. Do alto das enormes árvores que circundam a cova do vento partem lancinantes apelos de socorro. Será a indigitada jovem? É o que verificarei num sensacional esforço de dar em primeira mão e sem nenhum medo dos prováveis perigos que terei de enfrentar numa reportagem completa do maior rapto do século. Sou corajoso prá burro e verei o que está acontecendo. Vejo a distinta senhora Dona Adelaide e suas estimadas irmãs dependuradas nos galhos das árvores pedindo socorro. Elas estão

numa posição bastante incômoda. Vou entrevistá-las neste instante, antes que elas morram. Dona Adelaide e suas inseparáveis irmãs são tias e professoras da pobre Maria. Boa tarde, dona Adelaide, quer fazer algumas declarações para as nossas emissoras, numa gentileza dos perfumes Ventania?

AURÉLIA: A brisa que refresca?

REPÓRTER *(Com a força do hábito)*: Isto mesmo, acertou! A senhora terá direito a um cupom numerado que, com mais dez cupons de respostas certas, lhe dará direito a um frasco, absolutamente grátis e o direito a concorrer no próximo concurso: O Vento é o limite.

AURÉLIA: Ganhei! Ganhei! que felicidade!

(O Vento começa a soprar e o repórter rodopia, tenta dar socos no ar, finalmente se enrola no fio do microfone e cai no chão desmaiado, o Vento cessa.)

AURÉLIA *(Como numa canção de criança)*: A brisa que refresca... a brisa que refresca... *(Depois todos silenciam.)*

CENA IV

(Entra Pacifico, o policial, seguido de Crispim. Os dois se espantam diante do corpo do repórter.)

PACÍFICO: Um defunto!

OS DOIS *(Chamando)*: Chefe!

(Entra o comissário Plácido fumando o seu charuto.)

COMISSÁRIO *(Vendo o repórter)*: Ninguém toca no cadáver.

(Os policiais meio apavorados observam o local e dão com as tias dependuradas.)

OS DOIS: Veja, chefe! Três damas enforcadas!
COMISSÁRIO: Uma menina raptada, um repórter abatido, amarrado, espancado e morto, três damas enforcadas. Num só dia e tudo na cova do vento — lugar sombrio, desabitado a um quilômetro da cidade. Este é um dos casos mais complicados.
ADELAIDE: Depressa, polícia, já não agüento mais!
PACÍFICO: Ainda não morreram...
CRISPIM: Então é porque ainda estão vivas!
COMISSÁRIO: Vivas? Tanto melhor! *(Aos policiais)* Subam às árvores e retirem os corpos de delito, isto é, as velhas. Cuidado com as impressões digitais. *(Os guardas saem)* As senhoras têm que declarar à polícia o que estão fazendo aí.
AURÉLIA: Estamos vendo a vista, senhor comissário, estamos vendo a vista... *(Risinhos)*
COMISSÁRIO *(Tomando nota de tudo num caderninho)*: Vendo a vista!? Favor declararem domicílio, estado civil, nacionalidade e idade...
ADELAIDE: Era só o que faltava...

(O repórter começa a se mexer)

COMISSÁRIO: Este também ainda está vivo! *(Ajudando o repórter a se desvencilhar do fio do microfone)* O senhor tem alguma coisa a declarar à polícia?
REPÓRTER *(Olhando para todos os lados com medo)*: Senhor comissário, fui atacado por um monstro. Tentei tudo... *(Pegando de novo o microfone)* O dever de um repórter é informar. Rádio Praia continuando a reportagem interrompida por uma covarde agressão. Sou um mártir da imprensa e da verdade. *(Enquanto isto o comissário examina o local e toma notas.)* Ao ver as senhoras enforcadas nas árvores tentei salvá-las, mas o agressor me bateu. Tentei lutar, mas não se tratava de um único homem e sim de uma quadrilha. *(O vento*

dá uma bufada.) Senhor comissário, sou corajoso pra burro e os ouvintes sabem disto, mas convém a gente sair logo daqui, porque eles podem voltar.

COMISSÁRIO: Um momento. *(Continua examinando tudo.)*
REPÓRTER *(Querendo descobrir assunto para os ouvintes)*: Tem alguma coisa a declarar aos nossos ouvintes? *(O comissário não responde)* O senhor gosta dos perfumes Ventania?

COMISSÁRIO: Bem... *(O repórter faz sinal para ele dizer sim)* Gosto sim...

(Neste momento as bonecas começam a se mexer e ouvem-se as tias e os policiais. O comissário e o repórter acompanham seus movimentos.)

ADALGISA: Estão me fazendo cócegas! *(Aurélia ri)*

ADELAIDE: Não me toque, polícia!

PACÍFICO: Então como é que é, madame? Tem que sair, não tem? Eu tenho que segurar, ora!

ADALGISA: Não me faz cócegas, polícia...

CRISPIM: Segura meu braço, madame.

ADALGISA: Senhorita, faz favor.

CRISPIM: Agarre a velha, Pacífico.

COMISSÁRIO: Isto, Crispim...

(Os bonecos desaparecem. O repórter continua a entrevista com o comissário.)

REPÓRTER: E agora diga, senhor comissário Plácido, a polícia promete aos nossos ouvintes descobrir tudo deste horrível rapto? Tudinho?

COMISSÁRIO: Promete sim. Tudinho. A polícia vai descobrir tudo porque a polícia foi feita para descobrir tudo. Se não descobrir tudo hoje, descobre amanhã, se não descobrir amanhã, descobre depois de amanhã. Se não descobrir depois de amanhã, acaba mesmo descobrindo.

por isso é bom que a quadrilha apareça logo para não dar muito trabalho à polícia...

(Chegam as tias e os guardas. As tias estão com os chapéus fora do lugar, as saias levantadas, bolsos de folhas na cintura, enfim têm que dar a impressão que estão descendo das árvores.)

ADELAIDE: Isto é um ultraje!

ADALGISA: Duas horas de penduradas nas árvores!

AURÉLIA: Parecemos três judas em sábado de alcañia! *(O repórter procura colocar o microfone à frente de cada um que fala)* Lá de cima vi o senhor comissário tão pequenino que parecia o mico de dona Dalcina. *(Risinhos.)*

ADELAIDE: Chega, Aurélia. Isto não são horas para se chamar o senhor comissário de mico. Exijo providências urgentes. Isto não são maneiras de se tratar três moças de família. Se a polícia não tomar medidas urgentíssimas...

ADALGISA: Urgentíssimas...

AURÉLIA *(Só para fazer coro)*: Urgentíssimas...

COMISSÁRIO *(Tirando uma fita métrica e começando a tomar medidas das senhoras)*: Serão tomadas medidas urgentíssimas, dona Adelaide.

REPÓRTER: O sr. Comissário Plácido Epaminondas, comissário emérito da polícia local, está começando a tomar as medidas urgentíssimas pedidas por dona Adelaide.

COMISSÁRIO: A medida mais urgente que qualquer polícia do mundo tomaria e de interditar o local. A cová do vento está interditada...

REPÓRTER: O local acaba de ser interditado porque as damas pediram providências urgentíssimas.

(Uma forte rajada de vento faz todo o grupo dar um passo à frente repentinamente.)

AURÉLIA: E ele!

(Adelaide pensando que Aurélia está se referindo ao comissário que está ao seu lado lhe aplica um enorme tapa nas bochechas.)

ADELAIDE: Ah... então é o senhor! *(Tapa; uma nova rajada e Adelaide é jogada nos braços do comissário. O vento continua e a confusão começa.)*

COMISSÁRIO: Senhora Adelaide!

ADELAIDE: Que indecência. *(De pois de muito rodopiarem o vento cessa de repente e todos se recompõem.)*

COMISSÁRIO: Vamos embora. As declarações tomarei na chefatura.

ADELAIDE: Vamos, meninas...

ADALGISA: Isto é uma pouca vergonha... *(Vão saindo todos juntos quando o vento recomeça e traz de novo o grupo arrastado para o fundo do palco. A estas horas já devem estar meio apavorados.)*

COMISSÁRIO: Vamos embora, já disse! *(Tornam a sair com mais cautela e de novo o vento os traz de volta. Aí já deverão estar gritando de pavor.)*

COMISSÁRIO: Vamos embora, torno a dizer. *(Adelaide se agarra ao comissário, Adalgisa em Adelaide, o repórter se pendura no fio do microfone, os policiais se grudam um no outro e sacm devagarinho, para não despertarem o monstro desconhecido; Aurélia mais atrás diz no silêncio:)*

AURÉLIA: É ele! *(Ao ouvir isto todos fogem esbaforidos, gritando por socorro; desta vez o vento não sopra.)*

CENA V

(Entra a mãe, aflita e cautelosa, procurando em volta e chamando baixinho.)

elemento e manda lembranças. Estamos agora bem no meio do Brasil. A cachoeira do Iguaçu é um bocado bárbara. Beijos, Maria.

MÃE (*A luz volta à cena*): A letra é dela, o jeito é dela. E se ela virar brisa de mar? Polícia! Polícia! Senhor Comissário! Senhor Comissário! Minha filha brisa de mar! Que horror! Polícia! Polícia! (*Sai gritando.*)

CENA VI

(*Entra tia Aurélia segurando uma enorme ventarola; corre pela cena imitando Maria. Depois escuta a voz de Adelaide chamando e se esconde rapidamente na cozinha.*)

ADELAIDE: Aurélia!

ADALGISA: Será que ela teve a ousadia de vir aqui sozinha? (*As duas estão apavoradas e se agarram uma na outra; Adelaide tropeça numa pedra e cai numa posição bastante incômoda, de quatro, sua raiva ainda aumenta mais.*)

ADELAIDE: Meu lumbago!... Sei que você está escondida por aqui, Aurélia!

ADALGISA: Trate de aparecer, Aurélia, sabemos que você está escondida por aqui. Não adianta desobedecer Adelaide. Você sabe disso, Aurélia.

ADELAIDE: O que sempre perdeu Aurélia foram as más companhias...

ADALGISA (*Ofendida*): Nós, Adelaide?!

ADELAIDE: Claro que não, Adalgisa! Ora vejam só!... Maria e Pedro nunca foram companhia para Aurélia. Ela sempre se deixou levar pelas crianças!

ADALGISA: Sempre se deixou levar!

ADELAIDE: Sei que você está escondida, Aurélia!

ADALGISA: Aurelinha, trate de aparecer!



Neuza Navarro, Yolanda Costa, Hélio Ary, Olney Barrocas e Jaqueline Laurence em *A Menina e o Vento*

ADELAIDE: Trate de aparecer logo porque senão o castigo vai ser pior...

ADALGISA: Maninha, apàreça!...

(Aurélia com muito medo trata de escapar pelo fundo do palco mas é descoberta por Adalgisa.)

ADALGISA: Achei!

ADELAIDE: O que é que você estava fazendo na cova do vento?

ADALGISA: Não sabe que isto aqui não é lugar para mocinhas?

(Aurélia não responde.)

ADELAIDE: Ah! Não quer responder, não é?

ADALGISA: Responda, Aurélia, senão ela te castiga. Você quer ser raptada?

(Aurélia diz que sim com a cabeça.)

ADELAIDE (*Furiosa*): Ah! Então é isto? Quer ser raptada?

Irà para casa imediatamente e escreverà duzentas vezes: "Lugar de moça é no piano, quem vive na rua não tem tutano". (*Adelaide agarra Aurélia por um lado, Adalgisa pelo outro e levam Aurélia suspensa enquanto repetem:*)

AS DUAS: Lugar de moça é no piano, quem vive na rua não tem tutano... (*Sacm*)

CENA VII

(Entra o comissário com o pergaminho, os dois guardas, meio apavorados; um deles leva uma malinha onde se lê: Perícia. A mãe os segue segurando Pedrinho pela mão.)

COMISSÁRIO: Foi aqui que isto apareceu?

MÃE: Uma brisa soprou de repente e veio empurrando a carta, devagarinho até aqui!

COMISSÁRIO: Guardas, vigiem tudo. Qualquer coisa suspeita, avisem.

PACÍFICO: Vigiar o que, chefe?

COMISSÁRIO: Por aí... por cima... por tudo.

(Pacífico chupa o dedo e coloca-o na posição de verificar a direção do vento.)

CRISPIM: O senhor não quer tirar as impressões digitais?

COMISSÁRIO: De quem, seu burro? (*Todos se entrecolham*).

PEDRO: Só se for do vento.

MÃE: Cale-se, Pedrinho. Quer enlouquecer mais a gente?

PEDRO: Eles agora devem estar fazendo miséria.

COMISSÁRIO (*Pegando Pedrinho pelo cangote*): Eles, quem?

PEDRO (*Com simplicidade*): Maria e o Vento.

COMISSÁRIO: Quem é este?

PEDRO: O Vento, ora. Maria saiu voando na cacunda dele.

COMISSÁRIO (*Irritado*): Rapazinho, trata-se da vida de uma menina, de sua irmã. Trata-se também da vida do país, do mundo, da humanidade. Uma menina não pode sair na cacunda do vento, está ouvindo?

PEDRO: Não podia, senhor comissário. Não podia, mas pôde.

COMISSÁRIO: Podia também abater um repórter? Enforcar três senhoras e escrever uma carta?

PEDRO: Ora, senhor comissário, o senhor é muito ingênuo, não conhece o vento. Por que não pode, diga?

COMISSÁRIO: Porque dois e dois são quatro, menina é menina, vento é elemento elementar da natureza, polícia é polícia e você vai dizer a verdade, está ouvindo?

MÃE (*Aflita*): Senhor comissário, ele não tem culpa.

COMISSÁRIO: Menino de hoje sempre tem culpa.

PEDRO: Senhor comissário, e se dois e dois não forem quatro, e o vento tiver cacunda, hem? E a polícia...

OS TRÊS (*Interrompendo*): E a polícia, o quê?...

PEDRO: ...Não entender nada de vento e eu estar dizendo a verdade?

COMISSÁRIO: Este menino está atrapalhando os bons trabalhos da polícia. Se continuar assim terei que mandar prendê-lo.

MÃE: Não se aflija, senhor comissário; toma, Pedrinho, toma dinheiro para você comprar sorvete.

PEDRO: Já estou cheio de sorvetes e o comissário não descobre nada. (*Tira a língua para o comissário.*)

COMISSÁRIO: Monstrinho irritante! (*Pacífico e Crispim correm atrás de Pedrinho.*) Pacífico, Crispim, voltem! (*Voltando à carta*): "mamãe estou voando" (*Olha para cima, os outros fazem o mesmo*); "as coisas longe ficam perto", esta carta deve ser em código; "já amo mesmo o nosso Brasil"; este negócio de amar o Brasil é coisa suspeita; "fazer desordens... vamos fazer umas desordens por aí"... (*Vitorioso*) Aqui está! Então querem fazer umas desordens, hem? Guardas a postos! Não estou gostando nada disso... Isto está me cheirando a muita desordem. Temos que defender a ordem constituída...

MÃE (*Não entendendo nada, aflitíssima*): E se ela virar brisa, senhor comissário?

COMISSÁRIO: Brisa? Quem?

MÃE: Minha filhinha. O senhor não viu? (*Mostrando a carta*) O vento convidou-a para virar brisa de mar. Aqui, olha... (*Os dois lêem baixo o trecho da carta*)

COMISSÁRIO (*Fazendo um ar inteligentíssimo*): O vento... Vento? Vento deve ser pseudônimo de algum espião ou chefe de bando. João Vento, Pedro Vento, Zé Vento, Chico Vento... Sabe-se lá...

PACÍFICO: Conheci um Chico Vento que era ladrão de pão doce lá numa padaria de minha terra.

CRISPIM: Quem sabe, chefe, não é caso de astronáutica inimiga?

PACÍFICO: Disco voador...

CRISPIM: Planeta Marte...

COMISSÁRIO (*Conclusivo*): Não. Nada disso. Está tudo ficando claro. A coisa é aqui na terra mesmo. Vento é sobrenome de um bandido.

MÃE (*Soluçando*): Minha filha!

COMISSÁRIO: Sobre isto não tenho a menor dúvida. Usou a menina para fazer crer a nós, da polícia, que se tratava de vento mesmo... e...

PACÍFICO: E o menino?

COMISSÁRIO: Enlouqueceu o menino com alguma droga; derrubou o repórter...

PACÍFICO: E as velhas?...

COMISSÁRIO: Dependurou as velhas e finalmente mandou esta carta cifrada que só pode enganar aos tolos (*Vendo que a mãe chora*) e as mães. Então querem fazer umas desordens na cidade, hem! Querem enganar a polícia!

CRISPIM: Mas chefe, e este vento que soprou e quase derrubou a gente? Como é que Vossa Excelência explica isso, hem?!...

COMISSÁRIO: Seu burro, aquilo não era vento natural da natureza; era sopro de algum aparelho, um aspirador gigante, um ventilador atômico... (*Sua fala cheia de gesticulação é interrompida por um pequeno pára-quadras sustentando uma carta que vem caindo de cima; o comissário fica estático*) Ninguém toca! (*Com cuidado pega a carta e guarda o pára-quadras na mala de perícia; depois começa a ler a carta*) "Chega, comissário Plácido Epaminondas Cavalgadura"... alguém que me conhece de nome... "me deixa em paz e desinfeta a

minha cova"... Grosseirão! Continue lendo, Pacífico, não posso mais. *(Fica de muito mau humor.)*

PACÍFICO *(Continuando a ler a carta)*: "desinfeta a minha cova, senão eu sopro o sr. para sempre e quem vai ter dor de coração é a senhora Epaminondas. O sr. não tem mais o que fazer? Já está bem grandinho para brincar com o vento."

COMISSÁRIO *(Que está cada vez mais furioso enquanto seus policiais não agüentam de vontade de rir)*: Está assinada?

PACÍFICO: Não.

COMISSÁRIO: Ah... é isto? Estou grandinho, hem?! Querem luta? Pois então terão! Para começar, Pacífico e Crispim, apanhem um pouco deste ar. *(Tira da mala de pericia dois apanhadores de borboletas e entrega-os aos policiais.)* É preciso mandar um sábio examinar a natureza deste vento, desta tapeação química, deste sopro fabricado.

MÃE: E minha filha? Se ela virar brisa de mar eu morro.

COMISSÁRIO *(Distraído)*: Pois morra. Quero dizer... sua filha está em perigo de vida, minha senhora. Sinto dizê-lo, mas a polícia tem que dizer tudo. Doa a quem doer. Sua filha foi levada como refém para provocar a polícia e começar o rififi. O biruta convidou-a para ser senhorita brisa de mar. Talvez tenha feito de sua filha uma espiã inimiga. Pobre mãe! *(Tira um lenço preto e dá para a mãe enxugar as lágrimas.)* Faremos tudo que está ao nosso alcance para solucionar esta intriga.

MÃE: Mas, quando poderei rever minha filha?

COMISSÁRIO *(Categórico)*: Hoje! Se não for hoje, será amanhã, se não for amanhã, será depois de amanhã, se não for depois de amanhã, será algum dia. Ninguém engana a polícia. A polícia acaba sempre descobrindo tudo. *(Uma ligeira brisa começa a soprar.)* Agora peço

à senhora para ficar aguardando minhas ordens em casa. E por favor não deixe seu filho sair. Guardo bem o seu monstrinho. *(Acompanha a mãe para fora de cena.)*

(Crispim e Pacífico fazem a mímica de quem está querendo pegar o vento com os papa-borboletas e quando o chefe volta fumando nervoso outro charuto eles se apresentam.)

PACÍFICO: Pronto, chefe.

COMISSÁRIO *(Entregando tudo a Crispim)*: Vá depressa ao departamento de meteorologia e entregue este vento para o sábio examinar, depressa Crispim. *(Crispim sai.)* O colerado deve estar por perto. Suas máquinas de fabricar vento armadas engenhosamente na cova do Vento. Aqui, certamente, é a sede da quadrilha. Coisa bem pensada. Crime quase perfeito não fora aqui o Plácido Epaminondas. *(Ele está agitadoíssimo)* Pacífico!

PACÍFICO *(Mão apavorado)*: Sim, chefe.

COMISSÁRIO: Tenho um plano para a captura imediata do inimigo. A cova do Vento deve ficar interditada a qualquer intruso. Vá buscar a tabuleta.

PACÍFICO: Sim chefe. *(Sai e volta com uma tabuleta onde se lê: Proibido passar pela Cova do Vento.)*

COMISSÁRIO: Todo aquele que esta noite puser os pés aqui será suspeito de pertencer ao bando do Chico Vento, ou Pedro Vento ou Vento de Tal. *(Falando como em segredo para Pacífico)* Eles devem voltar aqui esta noite. Estão por perto, senão não mandariam isto. *(A Carta)*... Vamos nos esconder e fazer crer a eles que estamos sós e que o campo está livre. *(Usando um tom de voz normal, falando ostensivamente alto para ser ouvido)* Irei para a delegacia e voltarei aqui amanhã de manhã. Vamos embora, Pacífico.

PACÍFICO (*Querendo imitar o chefe e falando ainda mais alto*): Vamos embora, chefe.

COMISSÁRIO (*Dando uma volta pela cena, pisando e falando ainda mais forte*): Estamos indo embora...

PACÍFICO (*Enquanto o chefe sai de cena*): Já fomos embora! (*Os dois tornam a aparecer pela entrada do pros-cênio*) Inteligente, hem chefe! (*O comissário se envai-dece, faz psiu, toma o revólver e espera escondido na frente da cortina.*)

CENA VIII

(*O comissário espera algum possível intruso. Anoitece na cova do Vento. No meio da cena a tabuleta. Pê anto pê surge tia Aurélia sòzinha, uma maleta na mão.*)

AURÉLIA (*Chamando*): Vento!... Ventinho... Ventaniaaaaa...

COMISSÁRIO (*Entre os dentes*): Reunião da quadrilha: Estão todos no papo.

AURÉLIA: Mariaaa...ôôôôô! Estou prontinha para a viagem pelo mundo afora...

(*Entra Pedrinho entre cauteloso e esbaforido.*)

PEDRO: Tia Aurélia, o que é que a senhora está fazendo aqui? Volta para casa. Se a polícia descobre, estamos fritos...

AURÉLIA: Briguei com Adelaide. Eu estava aprendendo a ventarolar no quintal, então ela me pôs de castigo e então eu resolvi também passar para o lado do vento...

COMISSÁRIO: Toma nota, Pacifico. Ela quer passar para o lado do tal Vento. É uma suspeita.

PACÍFICO: Já estou escrevendo.

PEDRO: E se eles não vierem esta noite?

(*Comissário faz sinais para Pacifico tomar nota.*)

AURÉLIA: Não é aqui a cova dele? Ele não tem que trazer Maria de volta?

PEDRO: Mas, tia Aurélia, a senhora tem coragem de ir lá em cima nas nuvens?!

AURÉLIA: Ah... tenho!

PEDRO: Mais acima ainda! Na estratosfera. Para cima do azul!?

AURÉLIA: Do azul? Que maravilha! Vamos logo, Pedrinho...

PEDRO: Então está bem. Vou com a senhora... Mas... A senhora sabe ventarolar?

COMISSÁRIO: Código.

AURÉLIA: Sei sim. Veja (*Quando ela vai dar uma rodopiada dá com a tabuleta do comissário*) Iiii, olha aqui, Pedrinho.

PEDRO (*Lendo*): Proibido passar pela Cova do Vento. Isto é coisa do comissário. (*Tira a tabuleta e joga-a fora de cena.*)

AURÉLIA: Comissário burro. Ele quer proibir o vento de ventar! ah! ah! ah! (*Comissário quando se ouve chamar de burro fica furioso.*)

COMISSÁRIO: Burro!?

PACÍFICO: Tomo nota disso também?

COMISSÁRIO: Quietos, imbecil!

PEDRO: Ele é burro, mesmo. Não entende nada de nada. Vai se estrear um dia desses.

AURÉLIA: É só o Vento querer, que êle fica dependurado como um enforcado naquela árvore.

PEDRO: Se o Vento quiser pode mandá-lo para a China, para o Japão...

AURÉLIA: Para Minas Gerais... (*O Comissário se aproxima furioso com o revólver apontado para Pedrinho que está de costas para ele; Aurélia, que está de frente,*

percebe a manobra e faz gestos aflitos que, entretanto, não são percebidos por Pedrinho.)

PEDRO: ...para o Afganistão, para...

COMISSÁRIO: ...para o xadrez. Estão presos como suspeitos de pertencerem ao bando do tal Vento, a não ser que expliquem o que faziam a estas horas da noite na Cova do Vento.

PEDRO: Estávamos esperando o Vento.

COMISSÁRIO: Toma nota, Pacífico.

AURÉLIA (*Furiosa*): O senhor não tem nada com... (Começa a dar socos no peito do comissário) O senhor não é meu pai nem minha mãe para...

COMISSÁRIO: Desrespeito à autoridade!

PEDRO (*Tentando deter tia Aurélia*): Tia Aurélia, a senhora não pode bater no comissário...

(Tia Aurélia se desprende e tenta fugir gritando.)

AURÉLIA: Vento, Ventinho, sopra este homem para longe...

(Pacífico consegue prendê-la.)

COMISSÁRIO: Então confessem que estavam esperando o bandido para novos ataques, hem? De malinha pronta, hem? (*Aurélia consegue se desprender de Pacífico e recomeça a correr agarrada na malinha mas desta vez o comissário também a prende.*)

COMISSÁRIO: Pacífico, veja o que contém essa valise. Cuidado com as impressões digitais.

PACÍFICO (*Abrindo a malinha*): Um cartão postal com uma vista...

COMISSÁRIO: Vista aérea?

PACÍFICO: Vista aérea.

COMISSÁRIO: Confere. O que mais?

PACÍFICO: Um xale... Uma kodak.

AURÉLIA (*Quase cantando, sempre presa pelo comissário*): É falta de educação mexer nas coisas dos outros... é falta de educação mexer nas coisas dos outros... (O

comissário tenta tapar-lhe a boca mas recebe uma mordida.)

COMISSÁRIO: Peste! Guarde tudo para ser examinado e leve-os para o xadrez. (*Quando os dois estão já fora de cena vem vindo a mãe.*)

VOZ DA MÃE: Mas o que é isto?

VOZ DE AURÉLIA: Foi aquele burro do comissário... (*A voz se perde e a mãe entra em cena.*)

MÃE: Mas o que é isto?

COMISSÁRIO (*Apontando-lhe o revólver*): É isto mesmo. Seu filho está preso. Suspeito de pertencer ao bando.

MÃE: Pedrinho suspeito de ser bandido? E tia Aurélia também?

COMISSÁRIO: Exato.

MÃE: Minha filha, brisa de mar, meu filho, bandido... Ohhhh! (*Desmaia.*)

COMISSÁRIO: Também é biruta. Se a filha é espia, o filho é bandido, a mãe também é suspeita. Mãe de peixinho, peixe é. A senhora, favor explicar o que estava fazendo a estas horas da noite na Cova do Vento. Ah!... não quer responder? Ninguém *pode* explicar, porque ninguém *quer* explicar. (*A mãe volta a si*) Idade? Estado civil? onde está seu marido?

MÃE: Está viajando...

COMISSÁRIO: Domicílio? (*O comissário faz todas estas perguntas numa arrancada só, e a mãe diz apavorada:*)

MÃE: O delegado está ficando maluco... O delegado está ficando maluco!...

(Sai.)

CENA IX

COMISSÁRIO: Será presa também. E agora, mãos à obra. (*Tira uma enorme corda da malinha de perícia e começa amarrando-a no tronco da árvore; depois amarra*

na própria cintura. Vem chegando Crispim muito assustado e fica estatelado olhando as manobras do chefe.)

COMISSÁRIO: Quero ver se ele me arranca daqui... O que é que há, Crispim?...

CRISPIM (*Olhando o ambiente*): E se... o... começar... a...

COMISSÁRIO: O que, imbecil?

CRISPIM: O outro, o da atmosfera mesmo.

COMISSÁRIO: Quero ver se este vento falso, esta brisa química, este Zé Vento, João Vento, Chico Vento... se este sopro de laboratório pode derrubar Plácido Epaminondas de Sousa, Oficial Administrativo, classe M, do quadro permanente, Nível 20, com quatro quinquênios!...

(Ouve-se uma forte gargalhada, e uma lufada de vento.)

CRISPIM (*Apavorado*): Se não é Vento então é macumba... *(sai se benzendo)*

COMISSÁRIO: Venha, Vento falso... Vento... *(Outra gargalhada mais perto. O comissário bem amarrado em sua corda começa a se aproximar do proscênio desconfiado. Sem que veja, no fundo da cena aparece o Vento levando a menina pela mão.)*

VENTO: Quem é Vento falso?

(O comissário fica completamente paralisado. O vento pega na ponta da corda que está presa na âncora: e começa a puxar o comissário que cede; depois de repente fica em posição de luta, e dá com a enorme fúria do Vento.)

MENINA: Boa noite, senhor comissário.

COMISSÁRIO: O carnaval já acabou, sr. Vento de tal. O senhor pode enganar uma criança mas não a polícia. Está preso, palhaço, por rapto de menor, por espancamento de um profissional de imprensa, por desrespeito às senhoras de idade, por alta traição e por... *(O Vento dá uma grande soprada, o comissário procura resistir*

heroicamente e volta ao ataque); ...e por empregar meios químicos, falsos ventos contra a autoridade consti... (Nova soprada que faz o comissário recuar.)

VENTO (*Brincalhão*): E por que mais, senhor comissário?

(O comissário tira um revólver e aponta para o vento, mas este é arrancado violentamente por um sopro mais forte e desaparece no ar; a menina ri sem parar.)

COMISSÁRIO: Está preso, já disse, e não tente resistir...

VENTO: Venha me prender, sr. Comissário.

COMISSÁRIO: Pois vou mesmo. *(Desta vez o comissário cai no chão de pernas para o ar. O Vento e a menina não param de rir.)* Você também será presa menina. Já está tudo no xadrez... *(O Vento e a menina param de rir.)* Sua mãe está presa... seu irmão, sua tia...

MARIA (*Começando a chorar*): Mamãe presa! Por quê?!

COMISSÁRIO: Família de ventoinhas!...

MARIA: (*Chorando para o Vento*): Mamãe está presa, Vento! E agora?... *(Chora.)*

(O Vento, furioso, dá uma grande lufada e o comissário começa a ventarolar pela cena tentando dar socos, mas finalmente desaparece enquanto o Vento sopra olhando para cima para dar a impressão que o comissário está subindo.)

COMISSÁRIO: uuuuuuuuuu! *(Desaparece.)*

MARIA: Depressa, Vento. Tira todo mundo da prisão... mamãe presa! Onde está o comissário?

VENTO: Está vendo aquele pontinho lá em cima daquela árvore enorme, perto da jaqueira?

MARIA: Estou.

VENTO: Pois é ele.

MARIA: E agora?

VENTO: Não era você que queria fazer umas desordens?

MARIA: Queria (Chorando muito)... mas não estou querendo mais... quero minha mãe de volta, quero Pedrinho... e todos... (Continua chorando).

VENTO (Aflito): Está bem, não precisa chorar tanto... vou soprar tudo de volta. Vou largar um vendaval, um ciclone, um tufão de derrubar paredes... (Sai dando gargalhadas). Um tufão... um vendaval... ah! ah! ah! ah!...

MARIA: E eu, Vento? E eu?...

COMISSÁRIO: (Voz bem do alto e de longe) — Socorro! Socorro!

MARIA: Senhor comissário! Senhor!... (Vêm chegando muito assustados, Crispim e Pacífico; ao verem a menina ficam de boca aberta como se estivessem vendo um fantasma.)

PACÍFICO: A menina!...

CRISPIM: Tem mau olhado nisto...

MARIA: Deixem de bobagens e tratem de salvar seu chefe.

PACÍFICO: Chefe, onde?

MARIA: Lá em cima, seus bobos.

(Crispim e Pacífico olham para cima.)

PACÍFICO: O chefe lá em cima.

CRISPIM: Vai dar cana.

PACÍFICO: Chefe, o que é que o senhor está fazendo aí em cima?

COMISSÁRIO (Voz): Imbecis, peguem uma corda!...

(Os dois correm pela cena como patetas atrás de uma corda e sarm.)

(Maria, sentada numa pedrinha, começa a chorar baixinho quando começa a soprar o vendaval fora de cena. Ouve-se um piano tocando as escalas desordenadamente, depois barulho de coisas quebrando e começa o terrível

vendaval. Folhas mortas caem de cima, pedaços de música, chapéus de todas as espécies, uma roda de bicicleta passa pela cena. Maria faz o sinal da cruz e espantada acompanha a chegada desses objetos estranhos. Passa sua aró com o guarda-chuva virado ao contrário, pisada pelo vento.)

MARIA: Vovó! (Mas a velhinha não a vê e passa. Finalmente o vento diminui e chega também rodopiando lentamente a mãe. Elas não se vêem logo.)

MÃE: Maria!

MARIA: Mamão! (As duas se abraçam.)

MÃE: Onde é que você andava, minha filha?

MARIA: Não recebeu minha carta?

(Nova rajada de vento traz tia Aurélio rodopiando e rindo.)

MARIA: Tia Aurélio! (As duas se abraçam. Maria levanta tia Aurélio no colo, num rodopio.)

AURÉLIO: Minha maluquinha querida!

(Outra rajada traz tia Adelaide envolta num pano vermelho e amarelo, sugerindo a bandeira, e tia Adalgisa segurando restos de um piano. As duas rodopiam e caem sobre as pedras. As folhas continuam sempre caindo.)

MARIA (No meio do barulho do vento): Bênção tia Adelaide, bênção tia Adalgisa.

ADELAIDE: Deus te abençoe. Então foi devolvida, hem...

(Pedrinho também é jogado na cena violentamente segurando um pedaço de grade de prisão.)

MARIA: Pedrinho!

PEDRO: Maria! (Quando vão se abraçar todos são rodopiados.)

PEDRO (Olhando para cima): Vejam. O comissário dependurado!

TODOS (*Rindo*): O Comissário dependurado!
TIA ADELAIDE: O castigo anda a cavalo!...
AURÉLIA: Ele também foi ventado. Bem feito!

(Do alto, amarrado por uma corda, desce o comissário batendo os pés, furioso. Já visível da platéia para de descer.)

COMISSÁRIO: Depressa, Pacífico.

PACÍFICO (*Segurando a ponta de uma corda, presa em cima*):
A corda encrencou, chefe. Crispim foi chamar os hom-
beiros...

COMISSÁRIO: Imbecis! (*Vendo que todos rêm dele*) Que
todos se dirijam a delegacia. Vou abrir rigoroso inquê-
rito para apurar as responsabilidades.

REPÓRTER (*Que chegou esbaforido*): Veja na Cova do Ven-
to, distintos ouvintes, o sr. Comissário pendurado numa
corda, em atitude estranhamente...

COMISSÁRIO: Prenda este repórter, Crispim. (*Crispim tapa
a boca do repórter e o retira de cena gritando.*)

REPÓRTER: Estão tentando tapar a boca da imprensa fa-
lada...

COMISSÁRIO: Todos estão novamente presos... (*Ouve-se
uma enorme gargalhada do Vento pelo alto-falante*)
Prendam também este vento...

MARIA: Não se prende o vento... senhor comissário.

MARIA E PEDRO: Não se prende o vento... não se prende
o vento!

*(O pano se fecha enquanto o comissário espernea e ou-
tros rêm.)*

FIM



Sérgio Tapajós, Ariel Miranda, Tereza Redig Campos e José Antônio
Fernandes, em *Maroquinhas Fru-Fru*